

Caleb Woods/ Unsplash



O amor muda tudo

Especialmente quando se é criança, um abraço pode mudar tudo. Sobretudo quando você cresce colocando suas mãos no desafeto. Miguel Nascimento (nome fictício), 50, sabe bem o quão necessário é amar, mesmo que seja tarde. Em 2008, separou-se da então companheira. Ciúmes, possessividade e traços tóxicos não lhes trouxeram outra opção. O que foi, decerto, bem difícil, pois existia algo que os unia eternamente: uma filha.

Na época, a pequena tinha 9 anos. Com o término de vontade unilateral, a ex-esposa fez de tudo para minar o relacionamento de Miguel com a criança. “Ela dizia que eu não a amava, que eu tinha abandonado a família. Criava um cerco psicológico, muito difícil de se libertar. E cada evento inesperado que acontecia entre a gente, seja um telefonema perdido, seja uma visita que não dava certo, era uma validação para essa teoria”, acentua.

Com isso, a filha cresceu abalada. E, pior, com a consciência de que não era amada. Seja pelo pai, seja pela mãe. A situação, ficando cada vez mais conflituosa entre os dois, fez com que Miguel abrisse mão de vê-la por um tempo, por volta dos 12 anos dela, para tentar apaziguar a relação e decretar trégua no pós-término. E talvez tenha sido essa a decisão da qual mais se arrepende.

“Chegou um momento em que minha filha me via como um monstro. E, neste ponto, eu falhei, pois eu tinha também meus problemas e dificuldades, achei que o melhor seria que o tempo mostrasse a situação. Meu pensamento era: se minha filha não entender agora, não adianta forçar; quando ela crescer, entenderá, de fato, quem está certo ou errado.”

Mas, depois de uma situação infeliz, já entrando na adolescência, ela começou a acreditar fielmente nas coisas que a mãe contava sobre o pai. De acordo com Miguel, foi a gota d’água para que a filha se apegasse à teoria de que ele não a amava. Foram mais de dois anos de distância. Era difícil para ela entender. De um lado uma mãe tóxica; do outro, o pai que a

deixou, mesmo que sem vontade. Crescer não deveria ser tão difícil, mas foi. “Não importa o quanto uma criança esteja alienada, nunca se abandona um filho”, diz Miguel.

Retorno, perdão e perda

Com o passar dos anos, a necessidade da filha em ter um colo foi aumentando. Já que a adolescência, em razão das diversas relações familiares frustradas, não vinha lhe fazendo bem. Nessa oportunidade dada pelo

Traços do alienador

- Personalidade problemática
- Traços de personalidade narcisista
- Traços de personalidade borderline
- Traços de personalidade paranoica
- Traços de personalidade histriônica
- Distorções cognitivas
- Exteriorização de emoções e responsabilidades indesejadas
- Incapacidade de aceitar os próprios problemas
- Resposta ao luto anormal
- Família de origem problemática
- Histórico de relacionamento ruim
- Desejo de controle
- Desejo de vingança

destino, o perdão entre pai e filha, enfim, veio. “Quando ela começou a entender a história, a mágoa foi transformada em raiva. Um sentimento por ter sido alienada e outro por ter sido abandonada”, revela.

Apesar disso, o ressignificado nasceu. Das dores e traumas, o apreço e o aconchego. Ambos eram pai e filha, como nunca antes. Cúmplices, se comunicavam quase todos os dias, compartilhavam futuros e sonhos. Em especial ela, que estava saindo do ensino médio e ansiando pela vida. Embora as cicatrizes existissem e a terapia fosse presente na vida da filha, tudo parecia se encaixar.

O início na faculdade de psicologia, novos amigos e amores. Até mesmo passou a morar sozinha aos 20 anos. Mas, em 2020, tudo mudou. A pandemia havia chegado e o pai, incrédulo, recebeu a notícia que tinha perdido a filha que tanto lutou para ter por perto de novo. “Eu mal conseguia acreditar. Como morávamos em estados diferentes, precisei viajar. Foram as piores horas da minha vida”, lembra.

Após a morte da filha, Miguel entrou em uma jornada de autoconhecimento. Hoje, percebe tudo de forma mais clara. Entende, ainda, a parte da relação tóxica que teve e passou a ter compaixão pelo sofrimento da ex-esposa. “Já me pacifiquei quanto a isso, sendo mais presente e útil quanto eu possa às pessoas que me cercam. A vingança, a raiva e a culpa não trarão minha filha de volta, mas passar essa experiência para frente pode vir a ajudar outras crianças a não passarem o que ela passou”, finaliza.